

Roteiro de estudos

Interpretação de texto (volume 1)

Capítulo 1

Aprofundamento teórico (leitura recomendada)

Figuras sintáticas e elipse

Zeugma e assíndeto

Anáfora, epístrofe e pleonasma

Aprofundamento prático (exercícios recomendados)

Propostos: 34 e 36.

Complementares: 35!, 36!, 37!, 38 e 39.

Fundamentação teórica

Figuras sintáticas

Relações de repetição

Anáfora: _____

Exemplo (lousa):

a)

Epístrofe: _____

Exemplo (lousa):

a)

Polissíndeto: _____

Exemplo (lousa):

a)

Exercício exemplo: _____

Continuação

Pleonasma: _____

Exemplos (lousa):

a)

b)

Atenção: _____

Exemplos (lousa):

Exercício exemplo: _____

Relações de apagamento

Assíndeto: _____

Exemplo (lousa):

a)

Elipse: _____

Continuação
<p>Exemplos (lousa):</p> <p>a)</p> <p>b)</p> <p>c)</p> <p>Exercício exemplo: _____</p> <p>Exercício desafio: _____</p>

Análise dirigida

Deitei-me pra dormir, mas fiquei recordando um tempo em que eu era bem pequenininha e o mundo à minha volta era grande, imenso e mágico, e o colo do meu pai, a solução pra tudo. Pra começar, tinha minha casa. Era a casa mais linda de todas. A casa que a gente morava quando meus pais ainda eram casados.

A minha casa fica na rua Félix. É a rua mais legal de todas porque tem o nome do gato Félix, do desenho que passa na televisão. E a minha casa é a mais bonita e a mais grande de todas! Quer conhecer? É essa que tem o murinho de pedra cinza na frente. E esse pedaço aqui do muro é só meu. Só eu posso sentar aqui. Depois do muro tem um jardim. E um canteiro onde minha mãe planta rosas. Ela gosta muito de flor. Ela até conversa com as plantas! Depois, tem a escadinha branca de três degraus e o **escorregador** onde a gente **escorrega**! Depois³, tem a portona pra entrar na casa. Uma portona bem grande assim, de ferro e vidro. Um dia eu fechei a porta bem forte, só que meu dedo também. Daí eu fiquei chorando, olhando pró meu dedinho todo amassado... Minha mãe falou então que aquele dia eu nem precisava ir na escola. Daí eu parei de chorar e o meu dedinho nem doeu mais.

Legenda:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____

Exercícios de fixação

(Unicamp 2021)

“Repartimos a vida em idades, em anos, em meses, em dias, em horas, mas todas estas partes são tão duvidosas, e tão incertas, que não há idade tão florente, nem saúde tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro.”

1. Nesta passagem de um sermão proferido em 1673, Antônio Vieira retomou os argumentos da pregação que fizera no ano anterior e acrescentou novas características à morte. Para comover os ouvintes,

recorreu ao uso de anáforas. Assinale a alternativa que corresponde ao efeito produzido por elas:

- a) buscam sensibilizar os fiéis para o desengano da passagem do tempo.
- b) buscam demonstrar aos fiéis o temor de uma vida longa.
- c) buscam sensibilizar os fiéis para o valor de cada etapa da vida.
- d) buscam demonstrar aos fiéis a insegurança de uma vida cristã.

(Vunesp – FMJ 2021)

Posto me tem fortuna¹ em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder já, de perdido;
Não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;
Daqui dou o viver já por vivido;
Que, aonde o mal é tão conhecido,
Também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convém;
E curarei um mal com outro mal.

E, pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal este só remédio tem,
Não me culpem em querer remédio tal.

(Luís de Camões. *Lírica*, 1991.)

2. O Dicionário Houaiss *define* “anáfora” como “repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de dois ou mais versos sucessivos, para enfatizar o termo repetido”. O eu lírico recorre à anáfora

- a) na segunda estrofe, apenas.
- b) na primeira estrofe, apenas.
- c) na primeira e na segunda estrofes.
- d) na primeira e na terceira estrofes.
- e) na segunda e na quarta estrofes.

3. O soneto permite caracterizar o eu lírico como

- a) submisso.
- b) desconfiado.
- c) desiludido.
- d) inconformado.
- e) inconstante.

4. O eu lírico dirige-se diretamente a seu leitor em:

- a) “E, pois do bem tão pouco bem espero,” (4ª estrofe)
- b) “Não me culpem em querer remédio tal.” (4ª estrofe)
- c) “E tanto a seus pés me tem rendido!” (1ª estrofe)
- d) “Daqui dou o viver já por vivido,” (2ª estrofe)
- e) “Se me basta querer, a morte quero,” (3ª estrofe)

(Vunesp - Einstein 2020)



(Charles M. Schulz, *É hora da escola*, Charlie Brown, 2014.)

5. Contribui para o efeito de humor do cartum o recurso à seguinte figura de linguagem:

- sinestesia.
- personificação.
- pleonasma.
- eufemismo.
- paradoxo.

(Unifesp 2018)

Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525? – 1580), para responder à(s) questão(ões).

Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)

6. Observa-se a elipse do termo “vontade” no verso:

- “viu apartar-se de uma outra vontade,” (2ª estrofe)
- “cheia toda de mágoa e de piedade,” (1ª estrofe)
- “quero que seja sempre celebrada.” (1ª estrofe)
- “Ela só viu as lágrimas em fio” (3ª estrofe)
- “que puderam tornar o fogo frio,” (4ª estrofe)

7. A imagem das lágrimas a formarem um “largo rio” (3ª estrofe) produz um efeito expressivo que se classifica como

- paradoxo.
- pleonasma.
- personificação.
- hipérbole.
- eufemismo.

8. O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a

- “piedade”.
- “mágoa”.
- “saudade”.
- “claridade”.
- “madrugada”.

(Unesp 2018)

Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990).

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no 1º batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe

veio um 2º rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o *Luar do sertão* e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre ³*flaubert*, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apañar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(Os melhores contos, 1997.)

¹batelão: embarcação movida a remo. ²rincho: relincho.

³*flaubert*: um tipo de espingarda.

9. Verifica-se a ocorrência de pleonasma em:

- a) “fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia” (5º parágrafo).
- b) “eu avançava no batelão velho; remava cansado, com um resto de sono” (1º parágrafo).
- c) “ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida” (3º parágrafo).
- d) “A princípio a olhei com espanto, quase desgosto” (2º parágrafo).
- e) “Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus” (4º parágrafo).

10. O espanto inicial demonstrado pelo narrador em relação à moça deve-se ao fato de ela

- a) portar-se de forma independente.
- b) agir de modo dissimulado.
- c) cantar muito bem.
- d) demonstrar orgulho de sua cidade natal.
- e) ser bastante rica.

11. A fala “rema, bobalhão!” sugere, por parte do narrador,

- a) intransigência.
- b) impaciência.
- c) atrevimento.
- d) simplicidade.
- e) arrependimento.

(Enem 2016)

Você pode não acreditar

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os leiteiros deixavam as garrafinhas de leite do lado de fora das casas, seja ao pé da porta, seja na janela.

A gente ia de uniforme azul e branco para o grupo, de manhãzinha, passava pelas casas e não ocorria que alguém pudesse roubar aquilo.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os padeiros deixavam o pão na soleira da porta ou na janela que dava para a rua. A gente passava e via aquilo como uma coisa normal.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que você saía à noite para namorar e voltava andando pelas ruas da cidade, caminhando displicentemente, sentindo cheiro de jasmim e de alecrim, sem olhar para trás, sem temer as sombras.

Você pode não acreditar: houve um tempo em que as pessoas se visitavam airosamente. Chegavam no meio da tarde ou à noite, contavam casos, tomavam café, falavam da saúde, tricotavam sobre a vida alheia e voltavam de bonde às suas casas.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que o namorado primeiro ficava andando com a moça numa rua perto da casa dela, depois passava a namorar no portão, depois tinha ingresso na sala da família. Era sinal de que já estava praticamente noivo e seguro.

Houve um tempo em que havia tempo.

Houve um tempo.

SANTANNA, A. R. *Estado de Minas*, 5 maio 2013 (fragmento).

12. Nessa crônica, a repetição do trecho “Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que...” configura-se como uma estratégia argumentativa que visa

- a) surpreendem leitor com a descrição do que as pessoas faziam durante o seu tempo livre antigamente.
- b) sensibilizar o leitor sobre o modo como as pessoas se relacionavam entre si num tempo mais aprazível.
- c) advertir o leitor mais jovem sobre o mau uso que se faz do tempo nos dias atuais.

d) incentivar o leitor a organizar melhor o seu tempo sem deixar de ser nostálgico.

e) convencer o leitor sobre a veracidade de fatos relativos à vida no passado.

(ITA)

É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas no jardim do condomínio, onde pode por em risco a saúde das crianças que ali brincam descalças.

(relatório de prestação de contas da administração de um prédio.)

13. Assinale a opção que apresenta as figuras presentes no texto:

- a) Pleonasma e eufemismo.
- b) Metonímia e eufemismo.
- c) Pleonasma e polissíndeto.
- d) Pleonasma e metonímia.
- e) Eufemismo e polissíndeto.

(Unifesp 2020)

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(*O imaginário cotidiano*, 2002.)

14. Observa-se a elipse de um substantivo no trecho:

- a) “Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava” (5º parágrafo)
- b) “Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo” (2º parágrafo)

- c) “Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh” (2º parágrafo)
- d) “Seu plano era de uma simplicidade diabólica” (3º parágrafo)
- e) “Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada” (4º parágrafo)

15. Em “Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh” (5º parágrafo), o cronista recorre à figura de linguagem denominada:

- a) metonímia.
- b) hipérbole.
- c) eufemismo.
- d) personificação.
- e) pleonasma.

16. No trecho “Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador” (1º parágrafo), a sensação explicitada pelo pintor, em relação à obra de Van Gogh, é de

- a) temor.
- b) devoção.
- c) indiferença.
- d) inibição.
- e) submissão.

(Unesp 2018)

Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a

quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(*Essencial*, 2011.)

17. Verifica-se o emprego de vírgula para indicar a elipse (supressão) do verbo em:

- a) “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?” (1º parágrafo)
- b) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]” (3º parágrafo)
- c) “O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.” (1º parágrafo)
- d) “Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)
- e) “Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.” (3º parágrafo)

18. Assinale a alternativa cuja citação se aproxima tematicamente do “Sermão do bom ladrão” de Antônio Vieira.

- a) “Rouba um prego, e serás enforcado como um malfeitor; rouba um reino, e tornar-te-ás duque.” (Chuang-Tzu, filósofo chinês, 369-286 a.C.)
- b) “Para quem vive segundo os verdadeiros princípios, a grande riqueza seria viver serenamente com pouco: o que é pouco nunca é escasso.” (Lucrécio, poeta latino, 98-55 a.C.)
- c) “O dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; aquele que se persegue é o instrumento da escravidão.” (Rousseau, filósofo francês, 1712-1778)
- d) “Que o ladrão e a ladra tenham a mão cortada; esta será a recompensa pelo que fizeram e a punição da parte de Deus; pois Deus é poderoso e sábio.” (Alcorão, livro sagrado islâmico, século VII)
- e) “Dizem que tudo o que é roubado tem mais valor.” (Tirso de Molina, dramaturgo espanhol, 1584-1648)

19. No primeiro parágrafo, Antônio Vieira caracteriza a resposta do pirata a Alexandre Magno como

- a) dissimulada.
- b) ousada.
- c) enigmática.
- d) servil.
- e) hesitante.

(Unicamp 2024)

O texto a seguir é um trecho da canção Pantanal, que foi tema de abertura da novela com o mesmo nome, exibida originalmente pela TV Manchete em 1990 e regravada pela TV Globo em 2022.

Lendas de raças, cidades perdidas nas selvas do coração do Brasil. Contam os índios de deuses que descem do espaço no coração do

Brasil.
Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois,
Lutar com unhas e dentes pra termos direito a um depois.
Fim do milênio, resgate da vida, do sonho, do bem.
A terra é tão verde e azul.
Os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos verão.

20. Nesse trecho da canção, podemos identificar
- a) repetição de advérbios que indicam as mesmas circunstâncias de tempo e de lugar, para produzir um efeito de redundância a respeito da luta pela terra.
 - b) indeterminação de sujeito com verbo na terceira pessoa do plural, para produzir um efeito de incerteza quanto ao papel das futuras gerações.
 - c) atribuição de características positivas por meio de substantivos que indicam cores, para produzir um efeito de otimismo na preservação da natureza.
 - d) encadeamento sucessivo de termos ligados por preposição, para produzir um efeito de continuidade temporal quanto à condição do planeta.

(Fuvest 2023- adaptada)

Se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido de doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. Isto tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes. A educação bancária, em cuja prática se dá a inconciliação educadoreducandos, rechaça este companheirismo. E é lógico que seja assim.

No momento em que o educador bancário vivesse a superação da contradição já não seria bancário. Já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria. Saber com os educandos, enquanto estes soubessem com ele, seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização. A serviço da opressão, mas a serviço da libertação.

Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido, p. 86-87. Adaptado.

21. Como a repetição de “já não” contribui para a construção do sentido do último parágrafo do texto? Explique.

Resolução: _____

(ITA 2023)

22. Pleonasma é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia. Celso Cunha, em sua “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, define assim o pleonasma vicioso: “quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira”. Nesse aspecto, está de acordo com a norma culta, portanto, a alternativa:

- a) Teremos que adiar o evento para depois por causa da chuva.
- b) O Sargento é o elo fundamental entre o comando e a tropa.
- c) Naquela tarde, tivemos uma surpresa inesperada ao encontrarmos um velho amigo.
- d) O aluno fez uma introdução inicial sobre o patrono da Infantaria.
- e) O artista disse que escreveria sua própria autobiografia ainda neste ano.

(Unicamp 2021- adaptada)

23. Que palavras devem ser retiradas das frases a seguir para eliminar a **redundância**, isto é, a repetição de uma ideia?

- (1) Na minha opinião pessoal, essa medida é quase inútil.
- (2) A vitória indiscutível daquele time foi uma surpresa inesperada.
- (3) Luís repetiu de novo a explicação dada pelo mesmo advogado.
- (4) Eles convivem juntos em harmonia há quase uma década.

- a) (1) “pessoal”; (2) “inesperada”; (3) “de novo”; (4) “juntos”.
- b) (1) “quase”; (2) “inesperada”; (3) “mesmo”; (4) “quase”.
- c) (1) “pessoal”; (2) “indiscutível”; (3) “de novo”; (4) “juntos”.
- d) (1) “quase”; (2) “indiscutível”; (3) “mesmo”; (4) “quase”.

Anotações

Gabarito

1.A	2.B	3.C	4.B	5.B	6.A	7.D
8.E	9.C	10.A	11.E	12.B	13.A	14.B
15.A	16.D	17.C	18.A	19.B	20.D	

21.

A repetição anafórica da expressão “já não” enfatiza a divergência de duas estratégias educacionais: a bancária, que, usando o conhecimento tenta “domesticar” os alunos, e a libertadora, que incentiva o senso crítico e a capacidade de reflexão.

22.B 23.A